

REPENSANDO IDEOFONES E REDUPLICAÇÃO NO CRIOULO HAITIANO¹

RETHINKING IDEOPHONES AND REDUPLICATIONS IN HAITIAN CREOLE

Ariele Helena Holz Nunes²

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Ana Livia Agostinho³

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo ampliar as discussões acerca da classe dos ideofones e apresentar o funcionamento dos ideofones haitianos. Parte-se da ideia de que os ideofones constituem um fenômeno morfofonológico, com características distintas em cada contexto de ocorrência – podem se apresentar com ou sem reduplicação, com ou sem marcação tonal, etc. Adota-se neste estudo que os ideofones e a reduplicação representam processos distintos, porque no crioulo haitiano a reduplicação pode ser aplicada aos ideofones e não inerente a sua natureza. Ao mesmo tempo, formas reduplicadas não são necessariamente ideofones. Para a concretude das discussões propostas, um recorte de 30 ideofones foi extraído do trabalho pioneiro de Prou (2000). Os dados serviram como base para o levantamento e a testagem de três hipóteses: 1) Os ideofones representam um fenômeno de interface entre a morfologia, a fonologia e a semântica; 2) Os ideofones haitianos apresentam maior recorrência de reduplicação total de base; 3) Os ideofones de sílaba única e ideofones reduplicados possuem diferenças semânticas. Prou (2000) é a base para os dados, entretanto, esse trabalho se ocupa de questionar as suas classificações e propor uma nova análise para os exemplos apresentados, problematizando o status dos ideofones haitianos. Constatou-se através dos dados que os ideofones haitianos se comportam de maneira distinta dos ideofones encontrados em outras línguas, como o iorubá e o santome; o que, muitas vezes, dificulta o seu reconhecimento como ideofone. Reitera-se, então, a impossibilidade de agrupar os ideofones em um protótipo, dada a dificuldade em encontrar os mesmos traços em todas as línguas em que esta classe se manifesta. Desta forma, os dados e análises sugerem que não há critérios fixos para classificar os ideofones haitianos, gerando inquietações acerca de sua autonomia, classe gramatical e o status de ideofone. Propomos que os ideofones haitianos devem ser reanalisados de acordo com duas características (morfo)fonológicas: (1) característica onomatopaica e (2) reduplicação (morfo)fonológica.

PALAVRAS-CHAVE: Crioulo haitiano; Ideofones; Reduplicação; Morfofonologia.

¹ Agradecemos aos professores Dra. Shirley Freitas Sousa (UNILAB) e Dr. Vitor Augusto Nóbrega (USP) pela leitura atenciosa e pelas contribuições tecidas ao desenvolvimento desse estudo. Estendemos o agradecimento aos pareceristas da Revista GELNE que pontuaram questões importantes e necessárias à melhoria desse trabalho.

² Mestranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: holz.arielle@gmail.com. ORCID: 0000-0002-7127-2623. Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento (processo 130613/2020-7), o qual me permitiu exercer dedicação exclusiva ao desenvolvimento dessa pesquisa.

³ Doutora em Filologia e Língua Portuguesa (USP). Professora do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: a.agostinho@ufsc.br. ORCID: 0000-0002-2395-4961. Este trabalho foi parcialmente realizado durante pós-doutorado na Universidade da Califórnia, Berkeley, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processo 200519/2019-0, a quem a autora agradece.

ABSTRACT

The present work aims to broaden the discussions about the class of ideophones and to present the functioning of Haitian ideophones. It starts with the idea that ideophones are a morphophonological phenomenon, with different characteristics in each context of occurrence – they can present themselves with or without reduplication, with or without tonal markings, etc. It is adopted in this study that ideophones and reduplication represent different processes, since in Haitian Creole reduplication can be applied to ideophones but are not inherent to their nature. At the same time, reduplicated forms are not necessarily ideophones. To substantiate this discussion, a sample of 30 ideophones was extracted from the pioneering work of Prou (2000) and served as a basis for the survey and testing of three hypotheses: 1) Ideophones represent an interface phenomenon between Morphology, Phonology and Semantics; 2) Haitian ideophones have a higher recurrence of total reduplication; 3) Single-syllable and reduplicated ideophones have semantic differences. Prou (2000) is the basis for the data, however, this paper is concerned with questioning their classifications and proposing a new analysis for the examples presented, while discussing the status of Haitian ideophones. It was found in the data that Haitian ideophones behave differently from ideophones found in other languages, such as Yoruba and Santome. It is reiterated, then, the impossibility of grouping the ideophones into a prototype, given the difficulty in finding the same traits in all the languages in which this class manifests itself. Thus, the data and analyzes suggest that there are no fixed criteria for classifying ideophones, generating concerns about their autonomy, grammatical class and status. We propose that Haitian ideophones should be reanalyzed according to two (morpho)phonological characteristics: (1) onomatopoeic characteristic and (2) (morpho)phonological reduplication.

KEYWORDS: Haitian Creole; Ideophones; Reduplication; Morphophonology.

INTRODUÇÃO

As línguas crioulas carregam em seu histórico linguístico uma formação híbrida, incluindo línguas de famílias linguísticas diferentes. O crioulo haitiano se originou do contato entre o francês e as línguas africanas. Essa influência do substrato africano em sua formação pode ser uma justificativa para a ocorrência de ideofones em seu sistema linguístico. O francês não apresenta esse fenômeno em sua estrutura linguística, já que se endossa na literatura a concepção de que os ideofones não são encontrados em línguas de origem europeia. Apesar disso, alguns autores defendem uma perspectiva universal para a ocorrência de ideofones, alegando que eles podem se manifestar em línguas de origem europeias ou derivadas de línguas europeias (cf. CRUZ & FERNANDES, 2004; SLOBIN, 2004; IBARRETXE-ANTUÑANO, 2017). Reconhece-se neste estudo que ideofones não são característicos das línguas europeias, sendo mais comuns em outros grupos linguísticos. Certamente, essa é uma hipótese discutível, cujo desenvolvimento fuge do escopo desse trabalho.

Childs (1994a) pontua que os ideofones são propriedades das línguas africanas, sendo mais comuns na perspectiva africanista do que na linguística geral. É importante ressaltar que eles não ocorrem em todas as línguas africanas (a África conta com mais de 2 mil línguas), como as línguas da família khoisan (SAMARIN, 1965). Há estudos que apontam que o crioulo haitiano tem como substrato línguas africanas da família *Gbe* – grupo Niger-Congo (SPEARS, 2014; SCHIEFFELIN & DOUCET, 1998), dada a proximidade gramatical, sobretudo, com a língua ewe. Seguindo esta linha, Prou (2000) desenvolveu estudos que demonstram a utilização dos ideofones no crioulo haitiano, cuja existência, como mencionado, é explicada a partir das raízes africanas que a língua carrega. Serão analisados aproximadamente 30 dados de ideofones no crioulo haitiano. Esse

material foi retirado na íntegra do estudo pioneiro⁴ de Prou (2000), publicado pelo *Journal of Haitian Studies*, não estamos analisando dados novos, nem de coleta própria. Ressalta-se que os dados apenas sustentam a nossa análise sobre o fenômeno, as nossas reflexões sobre os exemplos se desvencilham da proposta apresentada pelo autor, sendo o propósito desse trabalho problematizar a existência dos ideofones haitianos e o seu status como classe gramatical a fim de reanalisar o *corpus* disponível. Prou (2000) é a fonte de dados, mas não o parâmetro de análise.

O crioulo haitiano, também conhecido como kreyòl⁵ ou haitiano, é uma das línguas oficiais do Haiti, utilizada majoritariamente pela população (cerca de 14 milhões de falantes), embora o francês seja a língua oficial ensinada na escola e nas instâncias formais da sociedade (DEGRAFF, 2019). Por ser uma das línguas crioulas faladas na região caribenha, o crioulo haitiano é oriundo do contato de sistemas linguísticos, sendo de base lexical francesa. Apesar de estar inscrito nessa problemática de contato linguístico, o crioulo haitiano não é uma cópia fiel de outra língua. Há uma identidade no seu sistema linguístico, marcas que se diferem e muito das suas línguas formadoras.

Sabendo da existência de uma discussão vigente sobre a complexidade das línguas crioulas, em que de um lado estão os linguistas que defendem que: “The world’s simplest grammars are creole grammars” (MCWHORTER, 2001, p.125), e do outro, linguistas que defendem que as línguas crioulas apresentam sistematicidade e complexidade gramatical como qualquer outra língua (DEGRAFF, 2003, 2005; ABOH & DEGRAFF, 2016); os ideofones são postos como uma categoria identitária do substrato africano, que serve para marcar complexidade morfofonológica nas línguas crioulas, inovando os sistemas linguísticos já conhecidos.

Para Good (2015) a morfologia é uma questão central para se pensar a complexidade gramatical das línguas crioulas. Consequentemente, se a morfologia de um crioulo for comparada à morfologia de línguas altamente flexionais, como o português, obviamente serão encontrados processos formadores de palavras que não se assemelham ou tampouco compartilham as mesmas propriedades. Há tipos de morfologias diferentes, processos concatenativos e não-concatenativos (HASPELMATH & SIMS, 2010). Não é possível medir a complexidade de línguas diferentes comparando, por exemplo, flexão e derivação, processos concatenativos, com a reduplicação, um processo não-concatenativo. Operar com reduplicação, replicando bases ou sílabas ao invés de trabalhar com desinências e afixos não faz dos crioulos línguas sem morfologia. Apostamos na reduplicação como um meio de provar que as línguas crioulas não são desprovidas de morfologia.

À luz de Doke (1935), Marantz (1982), Araujo (2002, 2009), Haspelmath & Sims (2010), entre outros autores; a discussão é norteadada por um problema teórico: *ideofones representam uma sub-classe de outras classes gramaticais, a qual se aplica a reduplicação; ou a reduplicação é aplicada à categoria dos ideofones enquanto classe gramatical independente?* Para tanto, as hipóteses levantadas são as seguintes: 1) Os ideofones representam um fenômeno de interface entre a morfologia, a fonologia e a semântica; 2) Os ideofones haitianos apresentam maior recorrência de reduplicação total de base; 3) Os ideofones de sílaba única e ideofones reduplicados possuem diferenças semânticas.

Assim sendo, o debate se estrutura em três seções principais: na seção 1, intitulada “Os caminhos teóricos trilhados”, apresentamos a conceituação do processo de reduplicação, assumindo-o como um fenômeno morfofonológico; além de discutirmos a literatura vigente acerca dos ideofones; a seção 2, nomeada como “O desenho analítico e descritivo: construindo e desconstruindo hipóteses”, ocupa-se de analisar os ideofones haitianos a partir dos dados de Prou (2000) e das hipóteses mencionadas, sendo o intuito questionar as colocações do autor, as suas classificações para o fenômeno, bem como se propõem considerações próprias sobre o conjunto de dados e uma reanálise dos ideofones haitianos; na última seção, denominada “O guarda-chuva dos ideofones: discutindo critérios de classificação”, comparamos a manifestação dos ideofones no

⁴ O artigo intitulado *Haitian Creole Ideophones: an exploratory analysis*, desenvolvido por Marc E. Prou representa o único trabalho que discute sistematicamente a ocorrência de ideofones no crioulo haitiano.

⁵ Frequentemente na literatura tem se optado pelo uso da nomenclatura “kreyòl” para se referir ao crioulo haitiano, mas neste estudo mantemos apenas o uso de crioulo haitiano.

crioulo haitiano, no santome e no iorubá, defendendo que não é possível criar uma tipologia ideofônica, dado que os ideofones se comportam de maneira distinta nas línguas em que ocorrem.

1 Os caminhos teóricos trilhados

Elencando os questionamentos desse estudo, o principal é repensar a categoria dos ideofones, investigando se eles são um processo apenas reduplicativo, ou uma nova classe gramatical a qual a reduplicação é aplicada, assim como nos substantivos, adjetivos e verbos, conforme a teoria da reduplicação de Marantz (1982). Não há uma definição concreta, fechada e acabada para a categoria dos ideofones nas teorias linguísticas, fazendo com que esse ainda seja um elemento discutível. Os estudos voltados à reduplicação nos ideofones também são escassos, sendo um dos objetivos deste artigo ampliar as discussões envolvendo estes dois processos.

A reduplicação é um procedimento que pode afetar as bases e copiar características prosódicas de maneira não-concatenativa. Aqui está sendo tratada como um processo morfofonológico porque em alguns casos a reduplicação não é puramente morfológica, já que pode existir nos ideofones apenas a reduplicação fonológica⁶, como no crioulo haitiano. Um exemplo de reduplicação morfológica seria o ideofone ‘floop-floop’ no crioulo haitiano, em que ‘floop’ significa ‘movimento rápido’, e ‘floop-floop’ significa ‘algo indo e voltando, não fixo’. Já o ideofone haitiano ‘glòtglòtglòt’ não existe de forma independente, sendo um caso de reduplicação fonológica.

Segundo Childs (1994b), além destas diferenças entre reduplicação morfológica e fonológica, há dois tipos de reduplicação de ideofones: a *reduplicação total*, em que se copia toda a base, e a *reduplicação parcial*, em que se copia parte da base, geralmente apenas a sílaba final, é incomum a cópia da sílaba inicial.

Além de estar consolidado que esse não é um processo concatenativo, é importante destacar que esse padrão possibilita a criação de uma nova forma morfológica. Não se trata mais do apagamento, substituição ou adição de um elemento, mas de reprodução da base. Nas teorizações de Haspelmath & Sims (2010, p.38): “A very common morphological operation is reduplication, whereby part of the base or the complete base is copied and attached to the base (either preceding or following it)”. Contudo, faz-se necessário o esclarecimento acerca da ideia de “anexar à base”, já que anexar não está sendo utilizado para justificar a soma de um elemento à base, mas demonstrar a possibilidade de operar com a própria base.

A conceituação apresentada por Marantz (1982, p.437) é interessante para se repensar a relação entre forma básica e forma reduplicada:

Ignoring difficulties, I will tentatively identify reduplication as a morphological process relating a base form of a morpheme or stem to a derived form that may be analyzed as being constructed from the base form via the affixation (or infixation) of phonemic material which is necessarily identical in whole or in part to the phonemic content of the base form (MARANTZ, 1982, p.437).

Acerca da natureza subespecificada da forma reduplicada, Araujo (2002, p.74) notabiliza:

Do ponto de vista fonológico, o reduplicante não possui especificação segmental, pois sua especificação é copiada da palavra base (WILBUR, 1974). O reduplicante não pode possuir especificação segmental porque, em cada palavra reduplicada, o elemento reduplicado deve ser necessariamente copiado da base, parcial ou totalmente. Se o elemento reduplicante fosse especificado, todas as palavras reduplicadas deveriam conter um elemento fixo imutável. Portanto, a reduplicação envolve identidade fonológica entre a base a forma reduplicada (ARAUJO, 2002, p.74).

Não só a cópia está relacionada com o fenômeno de reduplicação, mas também a transferência de material fonológico de uma base. Araujo (2002, p.62) aponta que: “[...] o processo

⁶ Não foi possível observar uma motivação fonológica para a reduplicação, como por exemplo, a exigência de um número mínimo de sílabas ou moras, uma vez que há ocorrências monossilábicas sem reduplicação.

de formação de palavras por reduplicação ocorre quando uma parte (ou o todo) de uma sequência fonológica é repetida resultando em uma nova informação morfológica”.

Segundo as discussões propostas por Marantz (1982), em todo processo de reduplicação se retomam questões fonológicas, de modo que há um esqueleto composto por C (consoante) +V (vogal). Isso significa que há uma estrutura fixa para o material copiado na reduplicação, mas a forma como esse material se realiza é independente, podendo adaptar a estrutura fixa e pré-estabelecida. Nesse sentido, a reduplicação envolve a afixação de um esqueleto de C-V em uma base, em que ocorre o empréstimo de material fonêmico da base para a forma reduplicada: “[...] reduplication is just that-the affixation of a C-V skeletal morpheme to a stem and the association of a copy of the stem's phonemic melody with the affixed skeleton” (MARANTZ, 1982, p.440).

Sabendo da importância da reduplicação para a estrutura dos ideofones, com respaldo teórico em Ferraz (1979), Araujo (2009), linguista que estuda os ideofones no santome, língua crioula de base portuguesa, indica que a estrutura silábica de um ideofone sempre se inicia com uma consoante, e que geralmente segue os seguintes padrões: CV.C ou C1C2 (FERRAZ, 1979 apud ARAUJO, 2009, p.28). Outras colocações sobre a identidade silábica dos ideofones seguem:

No entanto, se é fato que todas as sílabas dos ideofones são iniciadas por consoante, há muitos exemplos de sílabas CCV, iniciados por clusters consonantais, cf.(7a), nos quais o segundo elemento é [l], ou pela sequência CGV, onde G é um glide ([w] ou [j]), cf. (7b). Sílabas relevantes destacadas em itálico e separadas por ponto. Além disso, na sequência C1 C2, C1 não é, necessariamente, uma consoante nasal. No meio da palavra, a sílaba mínima deve ser CV. Em alguns casos, a posição da consoante é ocupada por uma consoante oclusiva glotal epentética, gerada com o intuito de se evitar que a sílaba seja composta apenas pelo núcleo (FERRAZ, 1979 apud ARAUJO, 2009, p.28).

Em linhas gerais, a reduplicação traz questões tanto para as teorias fonológicas quanto morfológicas, devida a sua falta de sistematização e formalidade dentro de uma ou outra área. Em função disso, a importância em considerar a reduplicação um processo morfofonológico, já que opera com elementos fonológicos e morfológicos, possibilitando a ocorrência de reduplicação fonológica (falsa) e a reduplicação morfológica (verdadeira).

Assumimos a reduplicação como sendo o processo morfofonológico mais produtivo na classe dos ideofones haitianos. No que tange a sua conceituação, esse fenômeno linguístico – ideofone – pode ser descrito como particular de grupos e famílias de línguas específicas – as línguas africanas, indígenas (cf. EVERETT, 2006; GOMES, 2006; ARAGON (2014) e asiáticas (cf. LEE, 1992). Nas línguas africanas, em algumas línguas crioulas africanas e em línguas crioulas exteriores à África, a sua ocorrência é expressiva e identitária, podendo ser identificada nos sistemas do iorubá, santome, crioulo haitiano, changana, etc. Para Dingemanse (2011, p.35) ideofones são marcas linguísticas aparentes: “Like so many things, ideophones are easy to identify yet elusive to define”. Ideofones são itens lexicais que descrevem ações, e são usados em narrativas e na língua para marcar, qualificar e descrever eventos sensoriais. Apesar de se assemelharem aos verbos, substantivos, adjetivos e advérbios, os ideofones são palavras marcadas, distinguindo-se das demais classes por possuírem uma função gramatical própria, expressiva e imagética.

Doke (1935, p.118), um dos primeiros a inserir o termo *ideofone* na literatura, menciona que os ideofones representam uma ideia concreta expressa em um som, como bem escreve: “A vivid representation of an idea in sound. A word, often onomatopoeic, which describes a predicate, qualificative or adverb in respect to manner, colour, smell, action, state, or intensity”.

Sitoe (1996, p.345) defende que os ideofones apresentam especificidade semântica, representando uma ideia viva através de um som: “Semanticamente, os ideofones estão ligados a campos específicos e diversos, tais como ações, sons, cores cheiros, posturas, atitudes, gestos, etc”. Essa fusão entre o cognitivo e o sonoro remete à noção defendida por Beck (2005) e Ngunga (2014), em que os ideofones assumem a função de expressões sinestésicas e se relacionam com o psíquico. Costa (2017) elenca alguns traços gramaticais dos ideofones, os quais variam de língua para língua: a) estrutura sonora particular; b) geralmente são reduplicados; c) apresentam

independência sintática; d) representam/evocam sensações, emoções, estados ou eventos; e) veiculam significados mais icônicos do que os demais itens lexicais; f) estão presentes no discurso oral ou na linguagem poética/emotiva.

Araujo (2009) declara que os ideofones apresentam uma particularidade que se difere das demais classes gramaticais: a possibilidade de qualificar ou modificar o estado de alguma categoria (verbo, substantivo, adjetivo, etc) e, portanto, possuem a necessidade de estabelecer uma relação intrínseca com o seu modificador. Há ainda, três grupos em que os ideofones podem ser agrupados: *ideofones intensificadores* – tendem a não ser onomatopaicos, costumam desempenhar as mesmas funções de um advérbio, já que modificam, intensificam ou atenuam o conteúdo semântico de um substantivo, verbo ou adjetivo; *ideofones utilizados em construções quotativas com ou sem um auxiliar* – costumam ser onomatopaicos e indicar a velocidade de um movimento; *ideofones com significado independente* – correspondem a todas as categorias lexicais e geralmente têm independência sintática (cf. BARTENS, 2000).

A identidade categorial dos ideofones é uma problemática debatida com frequência na literatura: de modo que há linguistas que defendem que os ideofones compõem uma classe autônoma, enquanto outros designam esses elementos como subclasses de classes gramaticais já existentes. Moura & Nhampoca (2017) alegam que Doke (1935) nomeou essa categoria como uma classe gramatical independente vista a impossibilidade de inserir os ideofones nas cinco categorias lexicais (nome, verbo, adjetivo, advérbio e preposição) existentes, sobretudo, pela semântica e os traços morfofonológicos que essas palavras carregam.

Em algumas línguas, os ideofones também são agrupados junto aos verbos e advérbios. Moura & Nhampoca (2017, p.50) declaram que esse movimento não é possível porque os papéis gramaticais das categorias não são os mesmos:

Assim como os verbos e advérbios, os ideofones predicam sobre eventos. [...] ao contrário dos verbos, não caracterizam o evento com base em seus traços fundamentais, mas focam em elementos periféricos de uma cena verbal. E, ao contrário dos advérbios, os ideofones não estão ancorados em um verbo, realizando eles mesmos a função predicadora. Além disso, os ideofones constituem uma classe iconicamente marcada em relação aos verbos. Do ponto de vista da marcação funcional, os verbos funcionam como a forma não marcada, e os ideofones, como a forma marcada. Uma forma marcada, do ponto de vista funcional, é usada em contextos mais restritos, ao passo que a forma não marcada é usada em contextos mais amplos e não específicos (MOURA & NHAMPOCA, 2017, p.50).

No que concerne à morfologia dessa categoria, Costa (2017) argumenta que uma característica morfológica recorrente dos ideofones é a *reduplicação*, trazendo a essas formas a ideia de *intensidade, pluralidade e repetição*. A relação entre ideofones e a reduplicação necessita ser analisada cuidadosamente, devida às particularidades de cada um dos processos. Apesar da reduplicação ser um traço morfológico recorrente, não pode ser considerado prototípico, dada a existência de ideofones que não sofrem reduplicação tanto no crioulo haitiano como em outras línguas.

Verifica-se, portanto, uma tentativa de agrupar os ideofones nas classes gramaticais tradicionais ou como subclasses, ainda que o seu comportamento e função desempenhada não sejam análogos, posto que as línguas se comportam de maneira distinta. O desconhecimento e a falta de consenso na sistematicidade do próprio conceito de ideofone alimentam esse impasse e as análises desalinhas da realidade categorial do fenômeno. Espera-se, assim, que as línguas europeias não sejam parâmetros para definir todas as categorias gramaticais existentes nas línguas naturais, do contrário, os ideofones continuarão a ser concebidos como processos marginais de formação de palavras.

2 O desenho analítico e descritivo: construindo e desconstruindo hipóteses

O recorte de dados advém do trabalho de Prou (2000) acerca da categoria dos ideofones no crioulo haitiano. Em sua análise, o autor listou aproximadamente 70 dados de ocorrência de ideofones no crioulo haitiano, trabalhando com a investigação acerca da estrutura e funcionalidade desse fenômeno linguístico. Para a composição do seu *corpus*, foram realizadas entrevistas com 4 falantes nativos de crioulo haitiano, todos com idades distintas (82, 66, 32 e 24 anos), o que implica tempos de usos da língua diferenciados.

As análises a seguir se baseiam em um recorte de 30 dados de ideofones haitianos. Almejamos apresentar os dados de Prou (2000) sem estabelecer ligação ou concordar com as suas considerações sobre o fenômeno. Em muitos momentos, julgamos que as escolhas e classificações do autor não podem ser sustentadas, pois se demonstram limitadas. Lançamos contra-argumentos para alguns dados e propomos que o conjunto de ideofones haitianos seja repensado, visto que muitos exemplos se comportam como substantivos, adjetivos, verbos e onomatopéias. Não negamos a existência de ideofones haitianos, porque não foram analisados nesse trabalho os 70 dados dispostos por Prou (2000), mas problematizamos o seu status como categoria, alegando que há necessidade de novos estudos e da coleta de novos dados para confirmar se existem ideofones haitianos e qual o seu real comportamento nessa língua. Em função disso, evidenciamos que esse é um trabalho preliminar sobre os ideofones haitianos, que busca reanalisar os dados disponíveis na literatura e levantar novas perspectivas sobre esse fenômeno morfofonológico.

Mediante as reflexões anteriores sobre as teorizações de Prou (2000), a concretude das discussões que serão apresentadas é norteadas por um problema teórico: *ideofones representam uma sub-classe de outras classes gramaticais, a qual recebe reduplicação; ou a reduplicação é aplicada à categoria dos ideofones enquanto classe gramatical independente?* Para tanto, algumas hipóteses iniciais foram levantadas: 1) Os ideofones representam um fenômeno de interface entre a morfologia, a fonologia e a semântica; 2) Os ideofones haitianos apresentam maior recorrência de reduplicação total de base; 3) Os ideofones de sílaba única e ideofones reduplicados possuem diferenças semânticas.

A discussão tem como ponto de partida a primeira hipótese levantada: *Os ideofones representam um fenômeno de interface entre a morfologia, a fonologia e a semântica.* Especificando, não há como olhar para os ideofones no crioulo haitiano sem considerar a sua estrutura interna, a reduplicação da sua forma e as diferenças semânticas entre as formas reduplicadas e as não reduplicadas. Assim, a estrutura interna corresponde aos moldes da morfologia, composta pela reduplicação, um processo morfofonológico em que ocorre a transferência de material – fonêmico ou semântico – da base para a forma reduplicada; e a diferença semântica implica usos distintos das formas reduplicadas e não reduplicadas, não ficando restritas aos mesmos contextos.

Analisar essa interface entre as três vertentes (fonologia, morfologia e semântica) é importante para abstrair conclusões sobre a categoria dos ideofones no crioulo haitiano, dado que a língua apresenta tanto ideofones de forma reduplicada quanto de forma não reduplicada, o que ajuda a reconhecer, até mesmo, se a reduplicação é aplicada aos ideofones ou se os ideofones são formas inerentemente reduplicadas. Sem olhar para a estrutura morfológica, não será possível descrever se são formas reduplicadas ou não; sem olhar para o valor semântico, não será possível elencar diferenças de significado entre formas reduplicadas e formas não reduplicadas; sem olhar para a estrutura fonológica, não será possível elencar quando há reduplicação morfológica e quando há reduplicação fonológica. E sem trabalhar na perspectiva da interface não será possível considerar quando um dado é um ideofone real e quando um dado pertence a outra classe gramatical.

A reduplicação morfológica repete um morfema e pode gerar uma nova forma com carga semântica diferente da forma não reduplicada, o que seria o caso de ‘yan-yan’ no crioulo haitiano. O termo ‘yan’, sem reduplicação, significa *piscar rápido*, e quando reduplicado, torna-se o ideofone ‘yan-yan’, simbolizando *piscar rápido duas vezes*. A reduplicação fonológica ocorre quando há apenas reduplicação de conteúdo fônico da base para o reduplicante, sem alterações de significado. No

crioulo haitiano, o ideofone ‘voumvoum’ representa este fenômeno, já que ‘voum’ não existe como forma básica independente, logo, não há um morfema sendo reduplicado, nem uma base. Nesse sentido, a reduplicação morfológica é considerada como reduplicação verdadeira e a reduplicação apenas fonológica, falsa.

Retomando a ideia de Araujo (2009) de que os ideofones estabelecem uma forte relação com o seu modificador, quanto às sentenças em que eles aparecem em crioulo haitiano, formas reduplicadas como *blanch-blanch*, *sale-sale* e *pike-pike* qualificam substantivos, atuando como um adjetivo, conforme os exemplos listados por Prou (2000, p.99, ex.2⁷ – tradução das autoras):

- (1) ‘blanch-blanch’ (esbranquiçado) Poul la *yon ti jan* blanch-blanch. **HC**
[Frango é algo branco-branco]
‘O frango está esbranquiçado’.
- (2) ‘sale-sale’ (levemente salgado) Manje a *yon ti jan* sale-sale. **HC**
[Comida é algo salgado-salgado]
‘A comida está levemente salgada’.
- (3) ‘pike-pike’ (levemente picante) Manba a *yon ti jan* pike-pike. **HC**
[Manteiga de amendoim é algo picante-picante]
‘A manteiga de amendoim está levemente picante’.

Se nas sentenças detalhadas acima, os três ideofones reduplicados correspondem a modificadores de substantivos, atribuindo uma qualidade aos nomes *frango*, *comida* e *amendoim*, o que os diferenciaria de um adjetivo? Uma justificativa seria pensar na própria estrutura morfofonológica: as formas singulares *blanch*, *sale* e *pike* sofrem uma modificação de base, originando formas reduplicadas que carregam os mesmos traços morfológicos e materiais fonêmicos da base (forma singular). Mesmo assim, as formas reduplicadas poderiam ser resultado de um processo de reduplicação que não envolve ideofones (cf. HYMAN, 2003; KOUWENBERG, 2003; HASPELMATH & SIMS (2010); KOUWENBERG & LACHARITÉ, 2011). Em outras palavras, nem toda reduplicação resulta em um ideofone e nem todo ideofone implica a ocorrência de reduplicação.

Ao mesmo tempo, qual seria a defesa para não enquadrar as formas singulares *blanch* (*branco*), *sale* (*salgado*) e *pike* (*picante*) na categoria dos adjetivos, já que se comportam linguisticamente como um? Semanticamente analisando, tomando como parâmetro um dicionário Haitian-Creole/English (cf. TARGÈTE & URCIOLO, 1993), o material aborda esses ideofones de forma singular com significados adjetivais: *blach*=attrib White. Ex. *Fanm blanch* (HC) *White woman* (English). *Dan blanch* (HC) *White teeth* (English); *sale*=Salty. Salted. Ex. *Sale tankou lanmè Jakmèl* (HC) - *Salty as the sea of Jacmel* (English); *pike*=attrib Hot (spiced food) – sem exemplos de uso no crioulo haitiano.

Por ser o pioneiro nos estudos de ideofones no crioulo haitiano, pode-se dizer que há uma problemática nos dados apresentados por Prou (2000). *Blanch*, *sale* e *pike* se comportam como adjetivos, logo, deveriam ser repensados como exemplos dessa categoria gramatical. Não é esperada a existência de ideofones provenientes de itens lexicais do superestrato em línguas crioulas, mas sim de étimos do substrato africano, assim como ocorre nas línguas crioulas do Golfo da Guiné, por exemplo (cf. ARAUJO, 2009; AGOSTINHO, 2015). O fato de os exemplos (1)-(3) serem de etimologia francesa é mais uma evidência de que estes casos não devem ser tratados como ideofones, mas como adjetivos que podem ser reduplicados. Frente aos argumentos, excluímos os ideofones ‘blanch’, ‘pike’ e ‘sale’ do conjunto de ideofones haitianos, embora Prou (2000) tenha atribuído o status de ideofone a esses dados. As formas passam por um tipo de reduplicação, que

⁷ Exemplos sem glosa no original.

indica apenas intensidade. Contudo, constatamos que a possibilidade de reduplicação não pode ser, sozinha, o critério para a classificação de um ideofone. Assim sendo, mesmo que ‘blanch’, ‘pike’ e ‘sale’ sofram reduplicação em sua estrutura, somente a reduplicação não garante a sua inserção na categoria dos ideofones. Formas reduplicadas podem não ser necessariamente ideofones.

Hyman (2003, p.9, ex.14 – tradução das autoras) ao trabalhar com a reduplicação nas línguas africanas do grupo Niger-Congo traz exemplos de processos reduplicativos sem ligação com os ideofones. Abaixo listamos que o reduplicante consiste em uma cópia do CV do verbo base:

- (4) Reduplicação de CV em Nupe:
- a. /gí/ ‘comer’ → gi-gí ‘comendo’
 /ge/ ‘seja bom’ → gi-ge ‘bondade’
 /gà/ ‘separar’ → gi-gà ‘separando’
 - b. /gú/ ‘perfurar’ → gu-gú ‘perfurando’
 /gò/ ‘receber’ → gu-gò ‘recebendo’

Retomando o enfoque dado às formas reduplicadas e não reduplicadas, a segunda hipótese desse estudo deve ser apresentada: *Os ideofones haitianos apresentam maior recorrência de reduplicação total de base*. Lembrando que Marantz (1982), Araujo (2002) e Haslpemath & Sims (2010) alegam que a reduplicação dos ideofones pode ocorrer pela cópia parcial ou total da base, no crioulo haitiano a maioria das ocorrências é de cópia total da base, podendo ser confundida com a repetição da base.

Nos dados de Prou, com exceção de alguns casos de hibridização de bases, como em vip-pip (ideofones vip + pip) e de cinco dados de reduplicação parcial: dakoukou (termo amoroso para bebê), granpanpan (mulher de alta classe), gropopo (grande tiro), kwelekwewe (ação tumultuada) e rablabla (falar bobagem), os ideofones haitianos se concentram em formas de reduplicação integral da base. Apresentamos abaixo os ideofones com reduplicação integral ou parcial – destacados em itálico, a partir dos dados e da classificação de Prou (2000). As colunas tipo de reduplicação e reduplicação trazem a nossa classificação em relação aos dados apresentados pelo autor:

IDEOFONE	DEFINIÇÃO	TIPO DE REDUPLICAÇÃO	REDUPLICAÇÃO
beng-beng	coração batendo rápido	integral	morfológica
bip-bip	bater rápido	integral	morfológica
boubou**	tolo/camisa africana/tímido	integral	fonológica
<i>dakoukou</i>	termo amoroso para bebê	parcial	fonológica
floup-floup	algo indo e voltando/não fixo	integral	fonológica
glòtglòtglòt	ruído de um líquido correndo	integral	fonológica
<i>granpanpan**</i>	mulher de alta classe	parcial	fonológica
<i>gropopo**</i>	grande tiro	parcial	fonológica
<i>kwelekwewe</i>	ação tumultuada	parcial	fonológica
pataflow**	tapa	inexistente	inexistente
pataswèl**	tapa na orelha	inexistente	inexistente
pich-pich**	olhos sem cílios/passar pela água	integral	morfológica
pligdip-pligdip	som de cavalo galopando	integral	fonológica
pouf-pouf	comida fervendo	integral	fonológica
poup-poup-poup	pássaro voando	integral	fonológica
<i>rablabla**</i>	falar bobagem	parcial	fonológica

rara**	chocalho/dança de procissão	integral	morfológica
tatalolo***	uma pessoa sempre disposta a insultar outras pessoas	integral	fonológica
vip-pip*	queda de repente	inexistente	inexistente
voumvoum	carro ligando	integral	fonológica
woywoy**	desejar maldições/pessoa de classe baixa	integral	morfológica
yan-yan	piscar rápido duas vezes	integral	morfológica

Quadro 1: Tipos de reduplicação dos ideofones haitianos

Fonte: elaboração das autoras com os dados retirados de Prou (2000)

Childs (1994b) afirma que na reduplicação parcial geralmente ocorre a cópia da sílaba final, sendo perceptível que esse processo se aplica aos ideofones haitianos, com exceção de ‘kwelekwekwe’ (ação tumultuada), em que ocorre a reduplicação da primeira sílaba – ‘kwe’ – da estrutura. Os demais casos, ‘vip-pip’, ‘pataflow’, ‘pataswèl’ não são ocorrências de reduplicação, nem parcial, nem integral. Os exemplos ‘dakoukou’, ‘floop-floop’, ‘pouf-pouf’, entre outros, aparentam ser casos de reduplicação fonológica. Prou (2000) não parece diferenciar as reduplicações verdadeiras das falsas, e o uso de hífen em sua ortografia reflete a falta de critério para essa categorização.

Enfatizamos que os dados destacados com um asterisco (*) não são ideofones e os destacados com dois asteriscos (**) possuem status indefinido, visto que apresentam duplo significado – tanto conteúdo nominal como característica de ideofone se considerarmos o seu significado como parâmetro. Prou (2000) chegou a enquadrar os exemplos ‘boubou’, ‘granpanpan’, ‘gropopo’, ‘pataflow’, ‘pataswèl’ e ‘tatalolo’ como formas com a classe gramatical ambígua, podendo ser *ideofones regulares ou substantivos reduplicados*. Nesses casos, os ideofones podem apresentar problemas de definição, o que dificulta a classificação de categoria. Por exemplo, em ‘rara’ (chocalho/dança de procissão), é possível que o ideofone seja referente ao som ou movimento, mas o modo como foi traduzido aparenta ser um substantivo. Acreditamos que o mesmo processo ocorre em ‘pataflow’ (tapa), ‘pataswèl’ (tapa na orelha), ‘gropopo’ (grande tiro), etc. Já nos dados como ‘boubou’, em que aparece o significado de ‘camisa africana’, pode ter ocorrido um processo derivacional, sendo um substantivo que veio do ideofone ou, simplesmente, seja um homófono. Na forma ‘woywoy’, parece ser o ideofone com significado ‘desejar maldições’ que originou o substantivo ‘pessoa de classe baixa’. As definições atribuídas aos dados dificultam um pouco a tradução e a análise quanto ao pertencimento a uma categoria gramatical ou outra, sobretudo, porque os ideofones foram retirados de seu contexto de uso, o que é essencial para o pleno entendimento. Novos dados com sentenças em que o uso dessas formas aparece são necessários para a classificação ou o descarte como ideofone.

Childs (1989) argumenta que essa relação entre os ideofones e demais classes gramaticais é bastante produtiva. De acordo com o autor, ideofones podem estabelecer relações derivacionais com substantivos, verbos e adjetivos. Quanto à relação com os substantivos: “Only a few cases of nouns and ideophones exhibit what could be construed as a derivational relationship. Ideophone-like nouns are usually derived from ideophone-like verbs by a regular process of nominalization” (CHILDS, 1989, p.57). A seguir apresentamos alguns exemplos listados por Childs (1989, p.57, ex. 2 e 3 – tradução das autoras) como processos derivacionais entre substantivos e ideofones ou entre ideofones e substantivos na língua kisi:

⁸ Este ideofone foi classificado por Prou (2000) como uma forma reduplicada. Se a base fosse ‘talo’, esta reduplicação seria do tipo CV₁CV₁CV₂CV₂ e não CV₁CV₂CV₁CV₂, como nos outros casos. De qualquer forma, esse caso apresentaria apenas reduplicação fonológica, não sendo possível postular uma base. Sendo assim, não é um exemplo de reduplicação verdadeira.

- (5) Ideofone → Substantivo
- | | | |
|----|--------------------------------|---|
| a. | dong/ dong-dong
dongdongndo | id. ‘quietamente, silenciosamente’
nam. ‘fevereiro (mês quieto)’ |
| b. | mui
mui-mui
muiyo | id. ‘duro, afiado, cortante’
id. ‘moído de maneira fina, finamente moído’
n. ‘mosquito’ |
- (6) Substantivo → Ideofone
- | | | |
|----|-----------------------------------|--|
| a. | kpele-kpele
kpeleng
kpeelaa | id. ‘direto (para cima), abruptamente, para o topo’
id. ‘alto, claro, em alto volume’
n. ‘uma palmeira alta e muito reta com um tronco liso e às vezes sem folhas’ |
|----|-----------------------------------|--|

Quando Prou (2000) apresenta o dado ‘vip-pip’ em contextos de sentenças, percebe-se que o significado não é o mesmo listado nos quadros. Além disso, questionamos o motivo da sua classificação como forma reduplicada e como ideofone, uma vez que se trata claramente de um processo distinto. Exemplifica-se a seguir o ideofone ‘vip-pip’ (PROU, 2000, p.101, ex.4 – tradução das autoras):

- | | | |
|-----|-------------------------------------|--|
| (7) | tonbe pip
[fall – IDEOPHONE] | ‘uma queda repentina’. HC |
| (8) | tonbe vip
[fall – IDEOPHONE] | ‘uma queda inesperada’. HC |
| (9) | tonbe vip-pip
[fall – IDEOPHONE] | ‘uma queda repentina e inesperada’. HC |

A forma ‘vip-pip’, que combina dois ideofones diferentes, levanta uma problemática: *Não é possível considerar reduplicação a combinação de duas bases ideofônicas distintas*. O ideofone ‘vip-pip’ é resultado de um processo de composição e não uma forma reduplicada. Compostos são formados por dois radicais ou palavras diferentes, que juntas funcionam com um significado próprio, como: ano-luz, beija-flor, guarda-chuva etc. No caso de ‘vip-pip’, a primeira impressão é que o autor apenas juntou os significados dos dois outros ideofones na forma básica, não gerando um valor semântico único. É importante lembrar que ‘tonbe’, em crioulo haitiano, é o referente para *queda*, os ideofones ‘vip’ e ‘pip’ apenas qualificam e expressam a intensidade, a qualidade e a própria natureza da ação. Se ‘vip’, somado ao substantivo ‘tonbe’ significa *uma queda inesperada*, e ‘pip’, aliado ao substantivo ‘tonbe’ se refere a *uma queda repentina*, quando justapostos, o substantivo ‘tonbe’ + ‘vip-pip’ formariam *uma queda inesperada e repentina*, sem alterações mínimas de significado. Contudo, em suas formas básicas listadas por Prou (2000) em outro momento do texto, ‘vip’ significa *movimento brusco e inesperado*, e ‘pip’ significa *uma ação repentina*, o que poderia gerar um novo significado para a operação ‘tonbe’ + ‘vip-pip’. Ao invés de representar *uma queda repentina e inesperada*, como sinalizado na definição acima, poderíamos ter o significado de *uma queda brusca e inesperada*. Embora Prou (2000) não sinalize isto explicitamente, é uma questão interessante a ser apontada. A formação do ideofone ‘vip-pip’ não se enquadra nos mesmos parâmetros dos outros exemplos em que se reduplicam bases iguais, o que levanta dúvida sobre ser um ideofone.

Os posicionamentos teóricos de Prou (2000) e suas classificações quanto à reduplicação começaram a apresentar problemas. Nota-se que o propósito do autor, de fato, é analisar a

reduplicação dentro dos ideofones haitianos. Todavia, talvez fosse interessante estabelecer critérios mais rigorosos para definir quais formas são reduplicadas e quais podem constituir outros fenômenos morfológicos. Ao considerar o ideofone ‘vip-pip’ um caso normal de reduplicação e um ideofone, o autor não estaria tentando enquadrar esta forma em um lugar que não é seu por natureza? Assim sendo, os processos reduplicativos aos quais Prou (2000) se refere e as suas classificações para os ideofones parecem incertos.

Frente a esse cenário, identificam-se pistas que auxiliam a desdobrar o problema teórico elencado para este estudo: *ideofones representam uma sub-classe de outras classes gramaticais, a qual recebe reduplicação; ou a reduplicação é aplicada à categoria dos ideofones enquanto classe gramatical independente?* Considerando a existência de ideofones não reduplicados, como em: *krak* (som de algo quebrando), *pèch* (tapa repentino/inesperado), *pék* (pausa repentina/inesperada), *pan* (algo feito de repente), é importante atestar que não constam nas discussões de Prou (2000) a reduplicação dessas formas, de modo que são chamados de ideofones monossilábicos. Vale a aposta em que esses ideofones se assemelham fonologicamente e semanticamente às onomatopeias existentes nas línguas europeias, dada a ausência de reduplicação em sua forma.

Estas semelhanças com as onomatopeias podem ser justificadas quando um ideofone não tem a definição semântica clara e não apresenta demais características recorrentes nos ideofones, sendo difícil classificar estes casos. Embora sejam dois fenômenos sonoros, similares na emoção e no impulso, as funções e contextos de uso são distintos. Nas lições de Ribeiro (2010 *apud* MOURA & NHAMPOCA, 2017, p.50): “A onomatopeia limita-se a imitar sons, enquanto o ideofone, para além da imitação de sons, pode ainda expressar ações, modos, qualidades, estados, fenômenos da natureza, quietude, silêncio, etc”. Mantivemos esses exemplos como ideofones pelas características onomatopaicas e por ser difícil diferenciar ideofone de onomatopeia sem maiores exemplos do uso em sentenças (cf. DOKE, 1935; CHILDS, 1994b; DINGEMANSE, 2011; MOURA & NHAMPOCA, 2017). É comum no estudo dos ideofones essa semelhança com as onomatopeias e a dificuldade em separar um fenômeno do outro. Ponderamos que em algumas línguas talvez seja até impossível essa distinção entre ideofones e onomatopeias. Prou (2000) teve acesso aos dados com falantes nativos e na ausência de dados novos, seguimos com a sua classificação de ideofone para ‘krak’, ‘pèch’, ‘pék’ e ‘pan’.

Diferentemente, os ideofones *bip* e *floup* apresentam formas reduplicadas e as não reduplicadas, com distinções nos significados e usos, o que não ocorre em *krak*, *pèch*, *pék* e *pan*, que só se realizam em forma única, sem reduplicação. Por conseguinte, a partir dessas informações, há de se considerar que os ideofones no crioulo haitiano são um fenômeno em que se aplica a reduplicação, não sendo a sua natureza reduplicativa em todos os contextos de uso. Além disso, salientamos que ‘bip’ (golpe/algo caindo) é mais um exemplo de ideofone com o status indefinido, pelo seu duplo significado, pode ser um substantivo ou um ideofone.

Ainda nesse âmbito, a terceira e última hipótese levantada: *os ideofones na forma básica e ideofones reduplicados possuem diferenças semânticas* também envolve a relação entre formas reduplicadas e não reduplicadas. Para a explanação desse ponto, é necessário evocar os significados e valores semânticos de um mesmo ideofone, mas comparando as suas formas reduplicadas e as não reduplicadas. O Quadro 2 contempla a classificação de Prou (2000) para os ideofones que possuem tanto as formas morfológicas reduplicadas, como as não reduplicadas, e um paralelo entre os significados:

IDEOFONE NÃO REDUPLICADO	DEFINIÇÃO	IDEOFONE REDUPLICADO	DEFINIÇÃO
bip**	golpe/algo caindo	bip-bip	bater rápido
floup	movimento rápido	floup-floup	algo indo e voltando/ não fixo
pich	vazamento de ar	pich-pich**	olhos sem cílios/passar pela água

ra**	ação repentina, correr de forma suspeita	rara**	chocalho/dança de procissão
tap**	bater	tap-tap**	som de batida/caminhão velho/caminhão pequeno
woy	expressão/exclamação de surpresa	woywoy**	desejar maldições/pessoa de classe baixa
yan	piscar rápido	yan-yan	piscar rápido duas vezes

Quadro 2: Formas reduplicadas e não reduplicadas do mesmo ideofone

Fonte: elaboração das autoras com os dados retirados de Prou (2000)

Percebe-se que o ideofone ‘yan’, quando reduplicado, ainda recupera o significado da forma de origem, apenas intensificando o movimento de piscar rápido. Conforme já mencionado no aporte teórico deste estudo, este tipo de comportamento linguístico é esperado, uma vez que a reduplicação é um fenômeno que carrega a ideia de quantidade e intensidade em sua essência. Quando aplicada, este é o efeito que atribui às palavras que está reduplicando, como ocorre em *piscar rápido*, que se torna *piscar rápido duas vezes*.

O mesmo não ocorre com as estruturas *pich*, *ra* e *woy*, os quais alteram totalmente o significado da forma singular para a reduplicada. Em *pich*, ambas as formas aparentam modificar substantivos ou verbos, ainda que não apresentem um sentido fechado para uma única classe: *vazamento de ar* e *passar pelas águas* indicam uma ação, mas também podem significar vazamento e caminhada se forem pensados em termos de classe gramatical. Além disso, é interessante observar o duplo significado que Prou (2000) atribuiu à forma reduplicada. Em *ra*, novamente, a ideia de ação (verbo) ao se falar em *ação repentina/correr de forma suspeita* e de modificador de substantivo ao se pensar em *chocalho* e *dança de procissão*. Já em *woy*, há um modificador de substantivo quando se pensa em *pessoa de classe baixa*, e de verbo quando se menciona *desejar maldições*. O processo de significação é o mesmo nos três casos: a forma não reduplicada faz menção a uma ação, e a reduplicada carrega um significado que modifica substantivos e outro que também indica ação. Isso revela que algumas formas podem não ser ideofones, mas exemplos de outras categorias gramaticais já conhecidas.

Os demais ideofones listados no Quadro 2: *bip*, *floup*, *tap* e *yan*, indicam não só ações, como uma das principais características defendidas nas teorias sobre ideofones: a transmissão de sensações, de ideias, de sons por meio de palavras. Nesse grupo há significados que se apresentam como modificadores de substantivos, como em *tap*, que pode referenciar um *caminhão velho*. E na posição de modificadores de verbos, incluem-se *bip*, *floup* e *yan*, alguns significados estão relacionados, ainda que apresentem diferenças tênues entre a forma não reduplicada e a reduplicada. Em *yan*, o sentido e o contexto de uso é praticamente o mesmo, a única alternância é a de intensidade e quantidade quando a forma é reduplicada, como já esperado para um ideofone. Ademais, observamos que alguns exemplos reduplicados ou não apresentam características onomatopaicas, tais como: *bip*, *tap-tap*, *ra* e *pouf-pouf*. À vista disso, na terceira hipótese, comprova-se que as diferenças semânticas entre as formas reduplicadas e as não reduplicadas em certas estruturas são mais atenuadas e em outras, quase imperceptíveis.

Considerando todas essas observações de ordem morfossemântica sobre os dados listados no quadro acima, notamos que alguns exemplos, claramente, não são ideofones, como: ‘blanch’, ‘blanch-blanch’, ‘pike’, ‘pike-pike’, ‘sale’, ‘sale-sale’ e ‘vip-pip’. Outros possuem um status indefinido ou são parcialmente ideofones, sendo eles: ‘bip’, ‘boubou’, ‘granpanpan’, ‘gropopo’, ‘pataflow’, ‘pataswèl’, ‘pich-pich’, ‘ra’, ‘rablabla’, ‘rara’, ‘tatalolo’, ‘tap’, ‘tap-tap’ e ‘woywoy’. Por fim, os dados ‘beng-beng’, ‘bip-bip’, ‘dakoukou’, ‘floup’, ‘floup-floup’, ‘glòglòtglòt’, ‘kwelekwewe’, ‘pich’, ‘pligdip-pligdip’, ‘pouf-pouf’, ‘poup-poup-poup’, ‘voumvoum’, ‘woy’, ‘yan’ e ‘yan-yan’ apresentam formas mais características de ideofones, de modo que atribuímos o status de ideofone a esses dados.

Prou (2000) teve uma iniciativa importante ao realizar o estudo com ideofones haitianos, todavia, é igualmente nevrálgico reavaliar os dados e critérios do autor, bem como as suas classificações para o fenômeno. No decorrer desse texto tentamos mostrar que é difícil afirmar que os ideofones haitianos são realmente ideofones, dado que há contra-argumentos que provam a natureza de outros fenômenos. Ao findar nossas análises e considerações sobre os dados, salientamos que não há uma resposta pronta e acabada sobre a existência dos ideofones no crioulo haitiano. Terminamos com a proposta de que alguns ideofones precisam ser excluídos da amostra de Prou (2000) e os dados que mantivemos foram considerados ideofones pelos seguintes motivos: (1) apresentam características onomatopaicas; (2) apresentam reduplicação morfo(fonológica).

Grande parte dos dados que consideramos ideofones ou que tratamos como indefinidos apresentam traços morfossemânticos abertos, isto é, comportam-se como ações modalizadas, como palavras específicas e marcadas para determinado contexto de uso. Exemplos como ‘beng-beng’ (coração batendo rápido), ‘dakoukou’ (termo amoroso para bebê), ‘floup’ (movimento rápido) e ‘yan’ (piscar rápido) constituem expressões idiomáticas da língua e significados icônicos. Logo, não é tão claro como encaixar em outra classe, porque o comportamento dos ideofones é fluído, sendo comum que eles se assemelhem, principalmente, aos advérbios, adjetivos e onomatopeias. Em cenários de manifestação dos ideofones, a função, o significado e o próprio contexto de uso serão muito mais importantes do que a estrutura morfológica e sonora. No mais, sem a possibilidade de observar o uso dos ideofones haitianos em seu real contexto de ocorrência e partindo de dados que foram coletados por outro autor, finalizamos as nossas considerações deixando a existência dessa categoria gramatical na língua em aberto: há evidências de que alguns dados são ideofones e evidências de que alguns dados podem não ser ideofones.

3 O guarda-chuva dos ideofones: discutindo critérios de classificação

Partindo de outras observações do funcionamento dos ideofones, as quais fogem do escopo e do recorte deste trabalho, pode-se dizer que é difícil traçar uma ideia geral para a manifestação dos ideofones nas diferentes línguas, eles se comportam de maneira distinta em cada sistema linguístico em que ocorrem. Trata-se da impossibilidade de desenhar um protótipo dos ideofones, cuja aplicabilidade se encaixe em diferentes línguas. Exemplificando esta questão, discute-se a seguir como os ideofones se comportam em outras duas línguas: o santome (FERRAZ, 1979; ARAUJO, 2009), língua crioula de base portuguesa, falada em São Tomé e Príncipe, no Golfo da Guiné e na Costa Oeste Africana; e o iorubá (AWOYALE, 1989, 1996), língua africana, pertencente ao grupo Kwa e à família linguística Niger-Congo, falada em países como Nigéria, Serra Leoa e Benin, a Oeste do continente africano.

De acordo com Araujo (2009), no santome um dos critérios de classificação para a palavra ser chamada de ideofone é o seu significado de “muito” e “extremamente”. Além disso, inspirado em Ferraz (1979), o autor menciona que nesta língua os ideofones costumam estabelecer uma relação intrínseca com o seu modificador, ou seja, em contexto de sentença tendem a ocupar uma posição sintática próxima ao modificador – verbo ou nome. Outro critério de classificação dos ideofones em santome é a reduplicação: palavras cuja estrutura é repetida ou reduplicada são consideradas ideofones no santome (ARAUJO, 2009, p.25). Abaixo, um exemplo de ideofone no santome modificando uma forma verbal – particípio – e com reduplicação sendo aplicada a sua base (ARAUJO, 2009, p.26, ex.4.a):

- (10) nô sa bi'fidu fɛfɛ'fjɛ
 1PL COP vestir-PART IDEOFONE
 “Devemos estar bem vestidos”.

icônico. Demais comparações com outras línguas que carregam ideofones em seu sistema linguístico, bem como a investigação do tipo de base com maior recorrência nos ideofones haitianos constituem interesses futuros de pesquisa. A problematização da natureza dessa classe e o contraste com outras classes, analisando se os dados são realmente de ideofones também representam um caminho de investigação palpável e necessário: os ideofones haitianos ainda estão sendo abordados de maneira muito generalizada, sem o aprofundamento de suas reais características estruturais.

PALAVRAS FINAIS

Ao findar as discussões teórico-analíticas, nota-se que compreender o conceito de reduplicação e as suas características enquanto um fenômeno morfofonológico é crucial para estabelecer relação com os ideofones haitianos. No que diz respeito aos ideofones no crioulo haitiano, novos dados precisam ser coletados e analisados para que se reflita sobre o status dos ideofones nessa língua. A análise de Prou (2000), em muitos momentos, mostrou-se restrita à presença da reduplicação na estrutura das formas discutidas e limitada, dificultando a identificação se os exemplos demonstrados são realmente ideofones.

Considerando todos os fatores apresentados, pode-se evidenciar que as três hipóteses foram parcialmente comprovadas, de modo que se tentou fazer o melhor uso dos dados disponíveis sobre os ideofones haitianos. A primeira hipótese corresponde à natureza de interface dos ideofones, uma vez que este é um fenômeno que necessita de abordagens morfológicas, fonológicas e semânticas para que se compreenda o seu uso na língua. A segunda hipótese, por sua vez, envolve os traços morfofonológicos da estrutura interna dos ideofones, atestando que a reduplicação ocorre mais de forma integral do que parcial nos ideofones ideofones, o que indica que a reduplicação é um fenômeno que se aplica aos ideofones, não sendo inerente a todos os casos de ocorrência, já que existem ideofones monossilábicos, como defende Prou (2000). No escopo dos ideofones reduplicativos, é possível reconhecer estruturas que operam com reduplicação fonológica e outras com reduplicação morfológica, o que possibilita um novo olhar para este fenômeno dentro dos ideofones haitianos. A terceira hipótese se concentra no conteúdo semântico das formas reduplicadas e não reduplicadas, salientando que há diferenças, ainda que mínimas, entre as formas reduplicadas e não reduplicadas de um mesmo ideofone.

Dentre as principais conclusões levantadas, destaca-se que a reduplicação pode gerar muitas tipologias para diferenciar os ideofones existentes no crioulo haitiano. Ademais, defendemos que alguns dados se comportam como itens nominais e outros apresentam características de onomatopeias, advérbios e adjetivos. Em função disso, propomos que os critérios de classificação de Prou (2000) precisam ser revistos, de modo que não assumimos a sua análise e afirmamos que os ideofones haitianos devem ser reanalisados de acordo com duas características (morfo)fonológicas: (1) característica onomatopaica e (2) reduplicação (morfo)fonológica. Mediante os argumentos apresentados ao longo do texto, identificamos que alguns dados deveriam ser excluídos do conjunto de dados de ideofones haitianos. Enfatizamos que um morfema reduplicado não caracteriza necessariamente um ideofone. Todas estas ideias foram debatidas tendo em vista encontrar traços identitários dos ideofones haitianos que ampliassem a classificação em reduplicado e não reduplicado. Muitas considerações precisam ser tecidas para que se identifique, efetivamente, a identidade categorial dos ideofones do crioulo haitiano. Certamente, coletar novos dados com falantes nativos e investigar outras propriedades dos ideofones haitianos simbolizam futuros interesses de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ABOH, Enoch; DEGRAFF, Michel. A Null Theory of Creole Formation Based on Universal Grammar. In: ROBERTS, Ian. **The Oxford Handbook of Universal Grammar**. Oxford Handbooks Online, 2016. DOI: 10.1093/oxfordhb /9780199573776.013.18.
- AGOSTINHO, Ana Livia. Fonologia e método pedagógico do lung'Ie. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- ARAGON, Carolina C. **A grammar of Akuntsú, a Tupían language**. Tese de doutorado, Universidade do Hawai'i, Manoa, 2014.
- ARAUJO, Gabriel. Truncamento e reduplicação no português brasileiro. **Revista Estudos Linguísticos**. Belo Horizonte, v.10, n.1, p.61-90, jan./jun. 2002.
- ARAUJO, Gabriel. Ideofones na língua são-tomense. **Papia**, São Paulo, n. 19, p. 23-37, 2009.
- AWÓYALE, Yiwola. Reduplication and the status of ideophones in Yoruba. **The journal of West African Languages**. v.19, n.1, p.15-33, 1989.
- AWÓYALE, Yiwola. **A non-catenative morpho-phonology of yoruba ideophones** (unpublished manuscript), 1996.
- BARTENS, Angela. **Ideophones and Sound Symbolism in Atlantic Creoles**. Kelsinki: Academia Scientiarum Fennica, 2000.
- BECK, David. **Ideophones, adverbs and predicate modifiers in Upper Necaxa Totonac**. Department of Linguistics, University of Alberta, 2005.
- CHILDS, George Tucker. Where do ideophones come from. **Studies in the linguistic sciences**, v.19, n.2, p.55-76, 1989.
- CHILDS, George Tucker. Expressiveness in contact situations: the fate of African ideophones. **Journal of Pidgin and Creole languages**, v. 9, n. (2), p. 257-282, 1994a.
- CHILDS, George Tucker. African Ideophones. In: HINTON, Leanne; NICHOLS, Johanna; OHALA, John J. (eds). **Sound Symbolism**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994b.
- COSTA, Patrícia Pardal da. **Ideofones em Santome**. 128 f. Dissertação – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2017.
- CRUZ, Regina Célia Fernandes; FERNANDES, Helane de Fátima Gomes. Simbolismo sonoro no PB: o estudo dos ideofones. **Revista de Estudos da Linguagem**, v.12, n.2, p.439-458, 2004.
- DEGRAFF, Michel. Against Creole Exceptionalism. **Language**, v.79, n.2, p. 391– 410, 2003.
- DEGRAFF, Michel. Linguists' most dangerous myth: The fallacy of Creole Exceptionalism. **Language in Society**, v.34, p.533–591, 2005.
- DEGRAFF, Michel. Against Apartheid in Education and in Linguistics: The Case of Haitian Creole in Neo-Colonial Haiti. In: MACEDO, D. **Decolonizing Foreign Language Education**. Abingdon: Routledge, 2019.
- DINGEMANSE, Mark. **The Meaning and Use of Ideophones in Siwu**. Radboud University, 2011. 425 p.
- DOKE, Clement Martyn. **Bantu Linguistic Terminology**. London: Longman, 1935. 201 p.
- EVERETT, Caleb. **Patterns in Karitiana: articulation, perception, and grammar**. Tese de doutorado, Universidade de Rice, Houston, Texas, 2006.
- FERRAZ, Luiz Ivens. **The Creole of São Tomé**. Johannesburg: Witwatersrand University Press, 1979.
- GOOD, J. Paradigmatic complexity in pidgins and creoles. **Word Structure**, v.8, n.(2), p.184–227, 2015. <https://doi.org/10.3366/word.2015.0081>.
- GOMES, Dionei. **Estudo Morfológico e sintático da língua Mundurukú (Tupí)**. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, 2006.
- HASPELMATH, Martin; SIMS, Andrea D. **Understanding Morphology**. 2ª ed. Londres: Hoddder Education - Understanding Language Series, 2010.

- HYMAN, Larry M. African languages and phonological theory. **Glott International**, 7(6), 153–163, 2003.
- IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide. Basque ideophones from a typological perspective. **Canadian Journal of Linguistics**, v.62, n.2, p.196-220, 2017.
- KOUWENBERG, Silvia. **Twice as Meaningful: Reduplication in Pidgins, Creoles and Other Contact Languages**. (Westminster creolistics series 8). Londres: Battlebridge Publications, 2003.
- KOUWENBERG, Silvia.; LACHARITÉ, Darlene. The typology of Caribbean Creole reduplication. **Journal of Pidgin and Creole Languages**, v.26, n.1, p.194-218, 2011.
- LEE, Jin-Seong. **Phonology and sound symbolism of Korean ideophones**. PhD dissertation, Indiana University, 1992.
- MARANTZ, Alec. Re reduplication. **Linguistic Inquiry**, v.13, n.3, p. 435-482, 1982.
- MCWHORTER, John. The world's simplest grammars are creole grammars. **Linguistic Typology**, v.5, p.125-166, 2001.
- MOURA, Heronides.; NHAMPOCA, Ezra Alberto Chambal. Um caso de iconicidade em classes de palavras: os ideofones na língua changana. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 42, n. 75, dez. 2017.
- NGUNGA, Armindo. **Introdução à linguística bantu**. 2.ed. Maputo: Imprensa Universitária, 2014. p.291.
- PROU, Marc E. Haitian Creole Ideophones: an exploratory analysis. **Journal of Haitian Studies**, University of Massachusetts, Boston, 2000.
- RIBEIRO, Armando. **Dicionário Gramatical Changana**. Maputo: Paulinas, 2010.
- SAMARIN, William J. Perspective on African ideophones. **African Studies**, v.24, n.2, p.117-121, 1965.
- SCHIEFFELIN, Bambi B.; DOUCET, Rachele Charlier. The “Real” Haitian Creole Ideology, Metalinguistics, and Orthographic Choice. In: SCHIEFFELIN, Bambi B.; WOOLARD, Kathryn A.; KROSKRITY, Paul. V. **Language Ideologies: Practice and Theory**. New York: Oxford University Press, 1998, p.285-316.
- SITOE, Bento Musongi. **Dicionário Changana - Português**. Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação (INDE), 1996.
- SLOBIN, Dan. I. The Many Ways to Search for a Frog: Linguistic Typology and the Expression of Motion Events. In: STRÖMQVIST, S.; VERHOEVEN, L. (Eds.), **Relating events in narrative**, Vol. 2. Typological and contextual perspectives (p. 219–257). Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 2004.
- SPEARS, Arthur K. Haitian Creole. In: DI PAOLO, Marianna; SPEARS, Arthur K. **Languages and dialects in the U.S.: Focus on Diversity and Linguistics**. New York: Routledge, 2014, p.180-195.
- TARGÈTE, Jean; URCIOLO, Raphael G. **Haitian Creole – English Dictionary**. Kensington: Dp Dunwoody Press, 1993.

ANEXO

Lista de ideofones haitianos disponíveis na literatura e utilizados durante as análises e descrições do presente estudo. O material foi coletado por Prou (2000 – tradução das autoras).

IDEOFONE	DEFINIÇÃO
beng	barulho alto/som metálico
beng-beng/bang-bang	coração batendo rápido/ coração surpreso
bip	golpe/algo caindo
bip-bip	bater rápido
blanch	branco
blanch-blanch	muito branco/ esbranquiçado/branquíssimo
boubou	tolo/camisa africana/tímido
chwap-chwap	corte rápido
chwi-chwi	sussurrar/fofoca
Dakoukou	termo amoroso para bebê
floup	movimento rápido
floup-floup	algo indo e voltando/ não fixo
glòtglòtglòt	ruído de um líquido correndo
granpanpan	mulher de alta classe
gropopo	grande tiro
kif-kif	idêntico
krak	som de algo quebrando
kwelekwewe	ação tumultuada
moumou	vestido de mulher
mwit-mwit	bater os olhos
nannan	polpa de fruta/comida na linguagem de bebê
pach	tapa alto
pan	algo feito de repente
pataflow	tapa
pataswèl	tapa na orelha
pèch	tapa repentino/inesperado
pèk	pausa repentina/inesperada
pèpè	roupas velhas
pich	vazamento de ar
pich-pich	olhos sem cílios/passar pela água
pike	picante
pike-pike	muito picante/ levemente picante
pim	golpe
pip	ação repentina
pligdip-pligdip	som de cavalo galopando
plòkòtòp	som de cavalo galopando (menos comum)
plop-plop	som de cavalo/ rapidamente
plouf	golpe

pouf-pouf	comida fervendo
poul-poul	pulga de ave/tímido
poupou	aliviar o nariz entupido
poup-poup-poup	pássaro voando
ra	ação repentina, correr de forma suspeita
rablabla	falar bobagem
rara	chocalho/dança de procissão
sale	sal/salgado
sale-sale	muito salgado/levemente salgado
tap	bater
taptap	som de batida/caminhão velho/ caminho pequeno
tatalolo	uma pessoa sempre disposta a insultar outras pessoas
tchaktchak	mistura confusa
tchotcho	uma coisa/dinheiro
tchoup	golpe
tchwè	graxa na panela quente
tenten	ruído/tumulto/escândalo
tonmtonm	socar comida
toptop	passos rápidos
van	golpe
vip	movimento brusco
vip-pip	queda de repente
vlan	golpe
vloup	ação rápida
voumvoum	carro ligando
vounvoun	um tipo de besouro grande
voup	golpe
vouvou	semelhante à voumvoum
wounouwounou	murmurar/resmungar
woy	expressão/exclamação de surpresa
woywoy	desejar maldições/pessoa de classe baixa
yan	piscar rápido uma vez
yan-yan	piscar rápido duas vezes
yenyen	sussurrar/choramingando